

Crise deve punir mais os salários elevados

(NÃO ASSINADO)

Os trabalhadores com salários mais altos estarão entre os que sofrerão mais os efeitos da crise mundial no mercado de trabalho, segundo prevê estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

A previsão para 2009 ocorre sobretudo em razão de demissões feitas por grandes companhias do setor industrial, que devem se intensificar. Na quinta-feira, a Embraer, por exemplo, anunciou o desligamento de 4.200 funcionários.

O Ipea avalia que os empregados com rendimento acima de dez salários mínimos (R\$ 4.650) são os que deverão ter mais dificuldade em encontrar e manter o emprego. É nessa faixa salarial que devem se concentrar as demissões e a rotatividade de trabalhadores (troca de salários altos por baixos).

Também podem encontrar mais dificuldade em se manter no mercado os empregados com salários na faixa de 1,6 a 5 salários mínimos (R\$ 744 a R\$ 2.325). São trabalhadores que foram incorporados mais recentemente às empresas, durante o período de expansão econômica, e não ocupam vagas consideradas essenciais em uma companhia. Com menos tempo de serviço, o custo da demissão também é menor.

A previsão apontada pelo estudo do Ipea considera o que já ocorreu com o mercado de trabalho após três crises econômicas enfrentadas pelo Brasil -de 1990 a 1992, 1999 e 2003.

Quem ganha até 1,5 salário mínimo (R\$ 697,50) será menos atingido pelo ajuste no mercado. Segundo o Ipea, esse trabalhador está em uma faixa de salário protegida pelos ganhos do salário mínimo e não sofre os efeitos da rotatividade.

Os trabalhadores com salários de cinco a dez mínimos (R\$ 2.325 a R\$ 4.650) terão menos dificuldades para enfrentar os efeitos da crise porque essa faixa de rendimento concentra o pessoal de nível técnico, mais qualificado, e profissionais que foram alvo de investimento das companhias durante o período de expansão econômica.

A FGV (Fundação Getúlio Vargas) constatou que trabalhadores com renda mais alta já foram afetados pela crise. Pesquisa sobre rendimento do trabalho mostra que, desde 2004, a cada 100 pessoas, 80 se mantinham na classe AB de um ano para outro. De outubro a dezembro de 2008, no entanto, esse número caiu para 75.

Isso significa encolhimento das classes mais altas, já como efeito da crise mundial, segundo o professor Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da FGV. O estudo, coordenado por Neri, considera que estão na classe AB as famílias com rendimento do trabalho superior a R\$ 4.807 mensais.

"A tendência para 2009, considerando os efeitos das crises no passado, é de o emprego ser mais favorável para quem ganha menos e para quem busca oportunidades no comércio e nos serviços. A crise afetou mais a indústria, que paga os melhores salários", diz Marcio Pochmann, presidente do Ipea.

As medidas adotadas por meio de políticas públicas de governos federal, estaduais e municipais também visam, segundo ele, proteger o trabalhador com menor rendimento.